

APRESENTAÇÃO

Este livro pretende contribuir com a discussão acerca das etnicidades, dos processos que as produzem e das relações étnico-raciais em interface com o campo da educação, especialmente da educação escolar. As Ciências Sociais, sobretudo a Antropologia e Sociologia, desde o século passado, têm se dedicado ao debate e constituído um campo, o das etnicidades e das relações raciais, o que resultou na consolidação, não somente de uma importante e vasta produção acadêmica, mas também de “diferentes tradições ou linhagens” e perspectivas teórico-metodológicas. Os livros “Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth”, de Philippe Poutignat e Jocelyne Steiff-Fenart (2011)¹ e “Etnicidade”, de Steven Fenton (2005)² são dois bons exemplos desta vasta produção.

As Ciências Sociais brasileiras, podemos afirmar, sem incorrer ao exagero, que se constituíram com e a partir dos estudos sobre relações raciais, também com suas diferentes “linhagens ou escolas”, com destaque para as “escolas” paulista e baiana. Não nos cabe, aqui, recuperar a produção intelectual dessas escolas e de seus “representantes”, posto que já é vasta a literatura que se dedicou a esse fim. Os livros “Raça, ciência e sociedade”, organizado por Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (1996)³ e “Racismo e antirracismo no Brasil”, de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2009)⁴ cumprem essa função.

No campo da educação, em nosso país, as relações raciais e o debate sobre etnicidades e identidades ganham destaque a partir da década de 1980, firmando-se entre as décadas de 1990 e 2000. Como veremos em alguns dos capítulos que compõem este livro, o Movimento Negro Unificado, fundado em fins da década de 1970, se constituirá em um “ator político” importante, tanto na denúncia do nosso modelo de democracia racial, do racismo estrutural, das desigualdades e do genocídio que recaem sobre a população negra, quanto na elaboração de “pedagogias antirracistas”, “decoloniais” e na formulação de políticas educacionais que culminarão na aprovação da lei 10.639/2003, que tornou obrigatório, ao longo de toda a educação básica, o ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira. Ora, o Movimento Negro tem sido, como afirma Gomes (2017)⁵, educador da sociedade brasileira e produtor de saberes e epistemologias emancipatórias.

Este livro, organizado em doze capítulos, apresenta resultados de pesquisas de docentes e pesquisadores que atuam na educação básica e no ensino superior. Dentre as instituições de ensino superior temos a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Universidade Estadual de Londrina – UEL e Centro Universitário Maurício de Nassau –Salvador-BA. Em sua grande maioria, trata-se de pesquisas concluídas, em nível de mestrado, junto aos Programas de Pós-Graduação da

¹POUTIGNAT, P.; STREIFFE-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

²FENTON, S. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

³MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

⁴GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

⁵GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Programa de Pós-Graduação em Educação).

O primeiro capítulo *O racismo, a modernidade e sua influência atual*, de Rosa de Lourdes Aguilar Verástegui, apresenta uma reflexão sobre o racismo, possibilitando entender sua origem, os fatores que o fortalece e as razões que o mantem vivo ainda no século XXI, realizando três movimentos: “O racismo na antiguidade e a modernidade”, “a colonização, racismo e exploração” e “o racismo na contemporaneidade e a filosofia da libertação”. A autora conclui afirmando que “a tarefa que cabe a nós, como professores latino-americanos, é permitir a reflexão crítica por parte dos alunos, frente ao sistema eurocêntrico e colonizador (neocolonizador). Essa postura teórica deve levar a uma mudança de atitude consciente, a uma práxis libertadora”.

O segundo, *Do étnico e do racial: o campo das etnicidades*, de autoria de Estela Santos de Oliveira, José Valdir Jesus de Santana e Elizabete Gonçalves de Souza discute o campo das etnicidades e como essa categoria/conceito (eticidade) tem sido mobilizada pelas Ciências Sociais na discussão sobre a produção das identidade, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, com destaque para a identidade racial negra.

Raça: realidade ou fantasmagoria?, de Danilo Pereira da Silva e José Jackson Reis dos Santos, constitui o terceiro capítulo, e tem como objetivo discutir como a raça é um conceito fundante para a compreensão do campo das relações étnico-raciais no Brasil. Os autores apresentam uma breve panorâmica do conceito de raça e de seus processos sócio-históricos para empreender reflexões sobre as relações étnico-raciais, elaborando um resgate histórico sobre este conceito e algumas de suas variáveis teóricas, por meio de interlocutores e pesquisadores que discutem essas temáticas.

O quarto capítulo, *Racismo, políticas públicas e efetivação dos direitos humanos e socioambientais*, de Maria de Fátima de Andrade Ferreira e Edinaldo Moraes Ferreira Junior, tem como objetivo discutir o racismo na sociedade brasileira e a necessidade de se atentar para as políticas públicas e a efetivação dos direitos humanos e socioambientais, considerando a importância do combate à desigualdade social e problemas relacionados ao racismo ambiental potencialmente danosos às populações vulneráveis (ribeirinhos, pescadores, marisqueiras, quilombolas), segundo o viés étnico-racial e suas articulações com o econômico, local de moradia e gênero.

O capítulo seguinte, *Relações étnico-raciais e gênero: um olhar reflexivo sobre as raízes da violência na sociedade e escola brasileira*, de Helenice Bastos Batista Rocha e Maria de Fátima de Andrade Ferreira, apresenta uma discussão bibliográfica sobre as raízes da violência, tratando do patriarcado, suas simbologias e seus reflexos nas relações sociais e processo pedagógico, considerando a dimensão simbólica nas relações étnico-raciais e de gênero nos espaços escolares.

O sexto capítulo, *O olhar dos estudantes quilombolas sobre sua identidade étnico-racial: algumas reflexões*, de Rosemária Joazeiro Pinto de Sousa e Dinalva de Jesus Santana de Macedo, é um

recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação⁶ que buscou analisar como as práticas educativas influenciam na construção da identidade étnico-racial dos estudantes quilombolas da região de Maniaçu-Caetité/BA. A pesquisa teve como lócus duas instituições escolares: o Colégio Municipal Zelinda Carvalho Teixeira e a Escola Nunila Ivo Frota, ambas localizadas na sede do distrito de Maniaçu-Caetité, BA, pertencente ao Território de Identidade do Sertão Produtivo.

Rubia Cristina Lima Nobrega Rocha e Benedito Gonçalves Eugênio são os autores do sétimo capítulo, intitulado *Indicadores da educação escolar quilombola e sua interface com a educação especial no município de Presidente Tancredo Neves-BA*. Este capítulo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sobre o processo de escolarização de alunos quilombolas com deficiências no município de Presidente Tancredo Neves.

No oitavo capítulo, *Formação continuada, currículo e educação multicultural: desafios e possibilidades às práticas pedagógicas no combate ao racismo nas/das escolas*, Cíntia Maria Seibert Santos reflete sobre a necessidade de uma educação para a multiculturalidade nos processos de formação continuada de professores, tendo como foco as orientações dos Referenciais Curriculares do município de Salvador-BA.

Em *Concepção de educação para as relações étnico-raciais no plano municipal de educação e no projeto político pedagógico de uma escola pública de Guanambi-BA*, nono capítulo, de Viviane da Silva Araújo Vitor, José Valdir Jesus de Santana, Flávia Lopes Silva e Kergilêda Ambrosio de Oliveira Mateus, os(as) autores(as) analisam o Plano Municipal de Educação do município de Guanambi e o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Zumbi de Palmares, localizada neste município, no sentido de compreender em que medida estes documentos esboçam uma perspectiva de educação para as relações étnico-raciais em diálogo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, de forma a possibilitar a construção de práticas pedagógicas antirracistas.

O décimo capítulo tem por título *Os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABIS e a descolonização do conhecimento*, e tem como autores(as) Elizabete Gonçalves de Souza, José Valdir Jesus de Santana, Estela Santos de Oliveira e Ludimila Souza Almeida Freire. Os autores (as) apresentam e descrevem as pesquisas acadêmicas localizadas no banco de dissertações e teses da CAPES, que tinham como “objeto” de investigação os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABIS, de modo a compreender as suas dinâmicas de funcionamento e como suas ações têm sido centrais para a descolonização do conhecimento nos espaços das Universidades e para a promoção de uma educação para as relações étnico-raciais.

O décimo primeiro capítulo, intitulado *A educação e os processos culturais: entre a homogeneização, o multiculturalismo e a interculturalidade*, de Carlos Geilson Souza Santos, José Valdir Jesus de Santana e Viviane da Silva Araújo Vitor discutem sobre a necessidade construirmos novos caminhos epistêmicos para uma educação que dê conta das pluralidades

⁶Dissertação intitulada *Educação Escolar e as implicações na construção da Identidade Étnico-racial dos estudantes quilombolas da região de Maniaçu/Caetité-BA*, defendida em março de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGEG- da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

étnico-racial e cultural que constituem as sociedades contemporâneas e, por consequência, o contexto escolar e, nesse sentido, saem em defesa de uma educação intercultural crítica.

Por fim, temos o décimo segundo capítulo, intitulado *Reeducar para as relações étnico-raciais na perspectiva do antirracismo*, é de autoria de Flávia Lopes Silva, José Valdir Jesus de Santana, Benedito Gonçalves Eugênio, Maria de Fátima de Andrade Ferreira e Viviane da Silva Araújo Vitor. Os autores (as) têm como objetivos recuperar a trajetória do Movimento Negro Unificado e suas ações político-acadêmica-epistêmica-pedagógica voltadas à construção de uma educação antirracista e, portanto, de um projeto educativo de (re)educação das relações étnico-raciais em nosso país, além de demonstrar, como sugere Gomes (2017), como este Movimento tem se constituído como um “educador da sociedade brasileira” e como suas ações têm construído “experiências educativas decoloniais”.

Se os tempos continuam difíceis, seja em virtude da pandemia causada pelo covid-19, ou pela forma estrutural do racismo à brasileira, que continua atualizando desigualdades e produzindo o extermínio/genocídio da população negra e dos povos originários em nosso país, continuamos a resistir. Este livro é sinal dessa resistência e, por isso, agradecemos, com muito afeto, aos autores e autoras que confiaram em sua construção, contribuindo com seus textos e reflexões.